



## "Os gajos não falam calão". O que falam os portugueses ciganos então?

Paulo Feytor Pinto \*

"Mesmo em frente da minha janela, na margem de um canal, um grupo de ciganos montou o seu acampamento, abrindo panos e esteiras sobre canas para fazerem tendas - pequenos abrigos, diria antes, demasiado baixos para se conseguir lá estar em pé. Fazem todas as suas tarefas domésticas ao ar livre; só à noite é que, por vezes, se apertam nas suas tendas para dormir. Os ciganos são assim. Não têm uma verdadeira casa em lado nenhum, não pagam renda a senhorio nenhum; vaguciam de um lado para o outro com uns porcos, alguns cães e um bando de crianças. A polícia, desconfiada, está de olho neles".

(Tagore, 1891)

Assim iniciou Rabindranath Tagore, numa carta escrita a uma sobrinha sua, a descrição dos ciganos que, em 1891, acamparam não muito longe da sua casa de campo no delta do rio Ganges, na então Índia britânica. São evidentes, porém, as semelhanças com o que poderia ser ou ter sido uma descrição portuguesa de um acampamento de ciganos em Portugal. Na verdade, todos os ciganos, os que vivem actualmente na Índia, em Portugal e no resto do mundo, são oriundos do vale do rio Indo. No entanto, a relação entre os ciganos da Europa e da Índia apenas foi possível estabelecer-se a partir da análise comparativa das respectivas línguas.

Neste estudo procura fazer-se um levantamento do conhecimento actualmente disponível sobre a variedade linguística falada por portugueses ciganos. Não se trata, portanto, de uma investigação de base, mas antes daquilo que poderia ser um *estado da arte*. Este estudo divide-se em duas partes fundamentais: uma dedicada às origens e outra à situação actual. Na primeira parte, é sintetizada a história da deslocação milenar dos ciganos, desde o subcontinente in-

diano até ao extremo ocidental da Eurásia, são analisadas as designações utilizadas, ao longo dos séculos, pelos portugueses e por outros europeus para identificarem os ciganos e é explicitada a relação entre o sânscrito, o hindí e as línguas faladas pelos europeus ciganos. Na segunda parte, procura-se, por um lado, caracterizar a variedade linguística, em especial o vocabulário, que os portugueses ciganos utilizam, o seu peso demográfico e as suas atitudes perante essa variedade linguística e, por outro lado, caracterizar as atitudes dos restantes portugueses, a maioria, perante o 'calão' dos ciganos e a (restrita) influência deste na língua portuguesa. Com efeito, está diagnosticada desde finais do século XIX, a etimologia cigana das palavras portuguesas 'calão' e 'gajo', que se pode sintetizar do seguinte modo<sup>1</sup>:

'caló' (negro) > 'caló' (cigano ibérico) > 'caló' (língua dos ciganos ibéricos) > 1873: calão (linguagem grosseira)

'gachó' (homem adulto, homem não cigano) > gajão (indivíduo espertalhão) > 1877: gajo (indivíduo)

\* Associação de Professores de Português.

<sup>1</sup> Coelho (1892); Houaiss (2002).



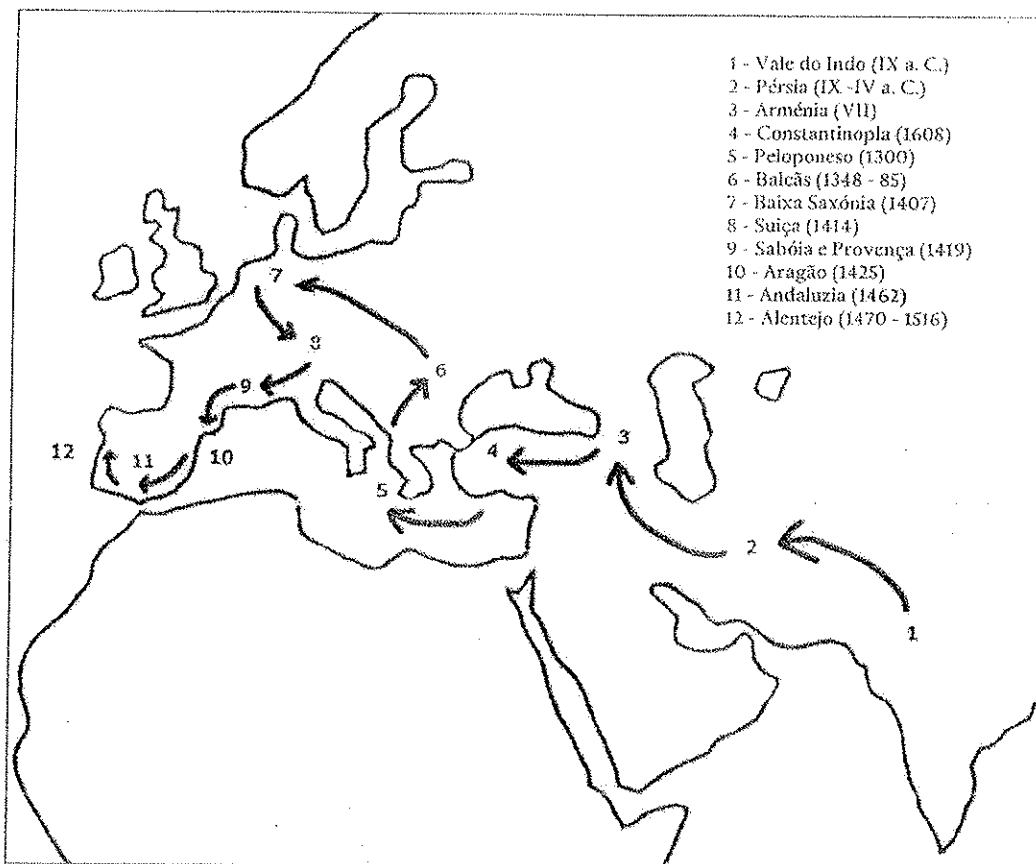
Assim, o título deste texto pode ser lido atribuindo às duas palavras em questão o seu significado na língua ancestral dos ciganos ou em português europeu contemporâneo: '*os não ciganos não sabem falar a língua dos ciganos*' ou '*o que os ciganos falam não é linguagem grosseira*'. Vejamos o que falarão afinal os portugueses ciganos.

### Retrospectiva

Desde a descoberta, na segunda metade do século XVIII, da relação entre as línguas faladas pelos ciganos da Europa e as línguas do Noroeste da Índia e do Paquistão, análises contrastivas destas línguas e o levantamento de testemunhos históricos da presença de ciganos permitiram concluir que, antes do início da sua diáspora para ocidente, constituíam já um grupo social distinto, provavelmente vagabundos de casta inferior,

talvez uma casta de guerreiros. Não é claro se, então, já falavam uma variedade linguística diferente das dominantes no vale do Indo. Estima-se que entre os séculos IX-IV a.C. os ciganos terão chegado à Pérsia cujo império se estendeu, entre os séculos VI-IV a.C., dos Balcãs à margem ocidental do Indo (ver mapa). Por volta do século VII, com a expansão do império árabe, uns ciganos dispersaram-se pelo Médio Oriente e outros estabeleceram-se na Arménia. Daí alcançaram o império bizantino.

O primeiro registo escrito conhecido de ciganos na Europa data de 1068 e refere-se à sua presença em Constantinopla. Só três séculos depois, há notícia do alargamento da sua itinerância ao Peloponeso e ilhas gregas (1300) e posteriormente aos Balcãs (1348-1385). No início





do século XV, continuaram a sua viagem rumo ao ocidente: Baixa Saxónia (1407), Suíça (1414), Sabóia (1419) e Provença (1419). Em 1425, Afonso V de Aragão, em Saragoça, concedeu um salvo-conduto ao primeiro grupo de ciganos identificado na península ibérica. Na Andaluzia, em 1462, os ciganos começaram por ser bem recebidos, mas, a partir de 1470, enquetou-se uma rejeição generalizada que estará na origem da sua entrada em Portugal, pela raia alentejana, nas décadas seguintes. Na mesma altura, terá chegado a Espanha uma nova vaga de ciganos, vindos directamente do Mediterrâneo oriental por via marítima.

Os ciganos, que entraram em Portugal na mesma altura em que foi decretada a conversão obrigatória ou expulsão de judeus e muçulmanos, apresentavam-se como sendo gregos. Com efeito, na primeira referência inequívoca à sua presença entre nós, a *Farsa dos Ciganos*, de Gil Vicente (1521), uma das quatro mulheres ciganas, Martina, diz que "De Grécia sumuz hidalgaz por Diuz". Por isso, considera-se que a referência a uma "grega bebida" por Afonso Valente, no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende (1515-1516) é o primeiro testemunho da presença dos ciganos em Portugal. Certo é que a palavra portuguesa para designar este grupo de indivíduos - *cigano* - tem origem na palavra greco-bizantina '*athigganos*' - intocável -, até ao século IX utilizada, na Anatólia, para designar uma seita religiosa então extinta. Segundo Houaiss (2002), a palavra chegou ao português por via do francês '*cigain*', atestado nessa língua no século XV, mas entretanto desaparecido. Tal como a designação portuguesa, os equivalentes contemporâneos em várias outras línguas europeias têm a mesma etimologia greco-bizantina: alemão ('*zigeuner*'), checo ('*cikán*'), croata ('*cigan*'), esloveno ('*cigan*'), húngaro ('*cigány*'), italiano ('*zingaro*'), romeno ('*tzigan*') e turco ('*çingene*').

Noutro grupo de línguas europeias, o termo para designar os ciganos radica na sua suposta origem egípcia. Tal parece ter acontecido, pela primeira vez na Europa ocidental, em Espanha. Com efeito, o salvo-conduto concedido pelo rei de Aragão, em 1425, foi dado a '*Don Johan do Egipto Menor*', tal como na Andaluzia, em 1462, foram festivamente acolhidos os condes Tomás e Martim do Pequeno Egipto. O primeiro registo conhecido da palavra espanhola '*gitano*', com origem em '*egiptano*', data de 1570. Também do século XVI data a designação inglesa - '*gipsy*', então '*gipcyan*', de '*Egyptian*'. A situação observada na língua francesa evidencia claramente a emergência da etimologia "egípcia" posterior à etimologia greco-bizantina. Em francês, o termo atestado no século XV era o greco-bizantino '*cigain*', mas em 1681 há registo de '*gitain*' - '*gitan*' em 1823 -, com origem no espanhol '*gitano*', que viria a substituir, até hoje, o termo anterior. Entretanto, data de 1843 o primeiro registo de '*tsigane*', com etimologia greco-bizantina, provável resultado da influência do alemão, que coexiste actualmente com o anterior, mas com muito menor frequência. Por toda a Europa, porém, muitos foram os termos utilizados para designar os ciganos: além de egípcios e gregos, também boémios, tártaros, sarracenos e hereges.

Poucas décadas após o seu estabelecimento em Portugal, os ciganos foram objecto da primeira ordem de expulsão. Entre 1525 e 1745, esta intenção levou à publicação de dezasseis decretos régios visando a expulsão, o degredo ultramarino e/ou a assimilação obrigatória de todos os ciganos. A primeira referência oficial ao facto de os portugueses ciganos falarem uma variedade linguística própria é o alvará de 1647 segundo o qual os velhos, as mulheres e as crianças ciganas salvas do degredo estavam proibidas de usar a sua '*gerengonsa*'. Em 1708, numa proibição idêntica, a variedade é designada



como '*língua ou Giringonça de Ciganos*'. Um dos primeiros estudos publicados entre nós sobre a variedade linguística falada pelos portugueses ciganos, de Adolfo Coelho (1892), inclui um levantamento lexical com 484 entradas em que o autor optou pela ortografia espanhola por considerar que "a base principal da língua dos ciganos de Portugal é o espanhol, ainda que influenciado pelo português". O confronto deste léxico com os seus equivalentes em sânscrito, hindi contemporâneo e numa variedade diagnos-

ticada no Reino Unido (1926) permite confirmar não só a afinidade entre as duas variedades europeias, mas também a sua inequívoca origem comum indo-ariana<sup>2</sup> (Tabela 1).

Registe-se ainda no rumanho, designação então utilizada, a adopção da morfologia portuguesa e espanhola mais produtiva da flexão verbal - infinitivo em -ar -, além da ortografia espanhola. Com efeito, a variedade linguística actualmente falada por portugueses ciganos parece distinguir-se das variedades portuguesas

Tabela 1

Português	Rumanho	Romani	Hindí	Sânscrito
água	pañí	pañí	pañí	paniyá
beber	pillar	pi-	pi-	píbatí
cabeça	ejeró	seró	sir	síras
cabelo	bale	bal	bal	vala
dormir	sorbar	sov-	sona	svápati
eu	amanga	me	main	máya
grande	baró	baró	bara	vadra
homem	manú	manús	manusya	manusa
irmão	plar	pahl	bhaí	bhratr
nariz	naclés	nakh	nak	nakka
pai	bato	dad	tat	tata
sol	can	kham	gham	gharmá
ver	dicar	dikh-	dekh-	drksati

(Coelho, 1892; Fraser, 1995)

Tabela 2

	Aulete 1881	Moreno 1948	Porto 1965	Academia 2001	Houaiss 2002
calão	+	+	+	+	+
caló	-	-	-	-	+
chavalo	-	-	-	-	+
chunga	-	-	-	-	+
gajo	+	+	+	+	+
romanho	-	+	+	+	-
romani	-	+	+	+	+

<sup>2</sup> As línguas indo-arianas são as línguas indo-europeias - portanto, da família do português - faladas actualmente no Norte do subcontinente indiano (Paquistão e Norte da Índia).

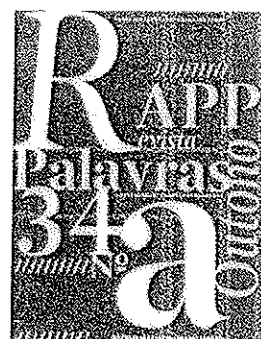


maioritárias essencialmente devido ao recurso a vocabulário que não é partilhado com a maioria, muito dele de origem indo-ariana, uma vez que o seu funcionamento morfossintático parece ser em tudo idêntico ao do português europeu.

### Actualidade

No final do século XX, haveria cerca de 50 mil portugueses ciganos, aproximadamente 0,5% da população residente em Portugal. Então, pelo menos catorze municípios tinham uma percentagem de população cigana igual ou superior ao dobro da média nacional, essencialmente em Trás-os-Montes e no interior alentejano<sup>3</sup>. Estima-se que houvesse, então, cerca de 7.000 portugueses ciganos sem residência fixa. No ensino básico, nos anos 1990, entre os grupos etno-culturais minoritários, as crianças ciganas constituíam o segundo grupo mais numeroso no Alentejo, o terceiro no Norte e o quarto na região Centro.

Apesar de constituírem um grupo minoritário demograficamente pouco expressivo, cuja língua materna reiteradamente proibida acabou por se extinguir, 500 anos de contacto quotidiano com falantes de português resultaram também na existência de vocabulário português



contemporâneo com origem na língua dos ciganos (Tabela 2).

Além das já referidas 'gajo' e 'calão', é ainda reconhecida a etimologia neo-indo-ariana de 'caló' (1886), língua dos ciganos ibéricos e do Sul de França, com o mesmo étimo de 'calão'; de 'romanho / rumanho / romenho' e de 'romani' (1899), ambas com origem em 'romani' e com o mesmo significado: língua dos ciganos. Desde o final do século XX, em Portugal, 'romani' parece ser ainda sinónimo de 'cigano'. No muito circunscrito grupo de palavras de origem cigana ou romani, parece poder incluir-se 'chavaló' e 'chunga', apenas registados em Houaiss (2002), como palavras do português europeu informal, de origem obscura. No entanto, o confronto destas duas entradas com outras tantas de Coelho (1892), relativas ao caló, e de Coromina (1973), relativas à língua espa-

Tabela 3

Houaiss 2002	Coromina 1973	Coelho 1892
chavaló rapaz de boa aparência	chaval do gitano 'chavale', vocativo plural de 'chavó' filho, rapaz	chaborron do gitano 'chabó' filho, rapaz
chunga de má qualidade, ordinário, reles, sem valor	chunga do gitano 'chungo' feio, desagradável	chungo feio

<sup>3</sup> Macedo de Cavaleiros (5,2%), Mogadouro (2,2%), Serpa (2,0%), Alter do Chão (1,8%), Lamego (1,8%), Moura (1,6%), Estremoz (1,6%), Sines (1,5%), Carraceda de Ansiães (1,4%), Nisa (1,3%), Celorico da Beira (1,3%), Crato (1,1%), Bragança (1,1%) e Cuba (1,0%) (SOS Racismo, 2001).



nhola, permite estabelecer a relação entre estas palavras portuguesas e a língua dos ciganos (Tabela 3). Note-se que todas as palavras portuguesas de origem cigana são, de algum modo, associadas a registos grosseiros ou informais do português europeu.

Sobre a variedade linguística actualmente falada por este grupo minoritário, houve no seu interior, em 2000-2001, uma acesa discussão. O pomo da discórdia foi a intenção de um programa público português, que integrava portugueses ciganos, editar a versão portuguesa de um pequeno manual de conversação, da iniciativa da Unión Romani espanhola, com versões já publicadas em espanhol, catalão, valenciano, basco e galego<sup>4</sup>. Perante a possibilidade de se vir a tornar público algum conhecimento sistematizado sobre a língua falada pelos ciganos, a União Romani portuguesa declarou que tal correspon-

deria a um passo irreversível rumo à indesejada aculturação total, uma vez que a variedade falada pelos ciganos era (é) por eles encarada como uma espécie de último reduto da sua identidade cultural cujo conhecimento deveria restringir-se aos membros do grupo etno-cultural. Porém, a língua do manual espanhol não era a variedade falada actualmente pelos ciganos portugueses, o caló ou português caló, uma variedade do português europeu com vocabulário de origem indo-ariana partilhado com outras variedades faladas por outros europeus ciganos. Com efeito, a língua do manual é sim uma reconstituição da língua outrora falada pelos ciganos ibéricos e do sul de França, o romanò-kalò, fruto do trabalho de linguistas espanhóis, franceses e portugueses baseado, por um lado, em recolhas de vocabulário actualmente utilizado por ciganos dos três países e, por outro, na morfossintaxe de línguas ciganas europeias com fa-

Tabela 4

Português	ICE, 2004	Coelho, 1892	R-Heredia, 2001
água	panhi	pañí	pañi
azeite	alámpio	lampio	àmpio
braço	kelo	curchelo	kuni
cabelo	bal	bale	bal
casa	quer	quer	kher
día	chibé	chibé	chive
deus	debel	debel	devel
irmão	plar	pral	phral
mão	patí	baste	vast
nariz	nakles	naclés	nakh
noite	rachi	arachi	rat
olho	ocais	acais	jakh
pai	bato	bato	bàto
pão	manron	manró	manro
río	len	llen	len

<sup>4</sup> Ramírez-Heredia (2001).



lantes nativos. Trata-se claramente de um projecto de revitalização de uma língua em tudo idêntico ao verificado com o hebraico (moderno), durante o século XX. A verdade é que, até à data, não há notícia da publicação do manual em português.

O confronto de vocabulário (Tabela 4) do manual em questão, com vocabulário recolhido por Adolfo Coelho (1892) e vocabulário utilizado com crianças do 1ºCEB, nos distritos de Beja, Faro e Setúbal, entre 1995 e 2004 (ICE, 2004) permite constatar a evidente afinidade entre o vocabulário do português caló e do romanò-kalò.

No início do século XXI, cerca de 0,1% dos alunos do ensino básico, concentrado no 1ºCEB, falaria uma variedade de português caló diferente do português europeu maioritário, que foi identificada pelos seus professores como romani ou português cigano. Estes alunos constituíam 7,6% do total de alunos com especificidades linguísticas que os distinguíam da maioria. Apesar de os jovens falantes de português caló se concentrarem em escolas da região de Lisboa, a sua importância relativa é maior no Alentejo (26,0%), no Algarve (17,7%) e no Norte (14,5%). Segundo o Ethnologue (Gordon, 2005), 0,05% da população portuguesa fala caló.

Em síntese, poder-se-á afirmar que os portugueses ciganos falam uma variedade própria do português europeu, com vocabulário de origem romani, e que alguns, uma minoria, são favoráveis a alguma forma de revitalização do romanò-kalò, a sua língua ancestral extinta devido à acção (também) do Estado português. Assim sendo, no sistema educativo, os portugueses ciganos não podem/devem frequentar a recém-criada disciplina de Português Língua

Não Materna, mas nas aulas de Língua Portuguesa (língua materna), a sua variedade do português europeu - o português caló - pode/deve ser alvo de reflexão<sup>5</sup> uma vez que, "sendo um dos objectivos centrais do ensino do Português como língua materna promover o acesso de todos os alunos ao Português padrão, constitui objectivo complementar deste consciencializá-los da legitimidade cultural e linguística das restantes variedades. Para além de os sensibilizar para a problemática da variação linguística, que constitui por si só uma propedêutica ao multilinguismo e multiculturalismo que caracterizam actualmente a generalidade dos espaços nacionais e transnacionais, tal consciencialização contribuirá para a formação de valores de tolerância e respeito pelas diferenças"<sup>6</sup>. Já a aprendizagem do romanò-kalò afigura-se mais problemática num sistema educativo sem uma tradição consolidada de oferta de línguas relacionadas com minorias. Porém, numa altura em que a sociedade portuguesa parece querer reflectir acerca da integração dos portugueses ciganos, integração que estes parece não quererem que seja sinónimo de assimilação, a revitalização da sua língua ancestral poderia funcionar como garante da sua não assimilação. Esse parece ser o ideal da Unión Romani espanhola.

<sup>5</sup> Cf. Projecto Nómada/ICE (2004).

<sup>6</sup> Duarte, Sim-Sim & Ferraz (1997).



## BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (2001). *Sastipen ta li. Saúde e liberdade. Ciganos, números abordagens e realidades*. Lisboa: SOS Racismo.
- Aulete, F. J. Caldas & A. L. Santos Valente (1881). *Diccionario Contemporaneo da lingua portuguesa*. Lisboa: A. M. Pereira.
- Botelho, Leonete (2000). "Para Que Ninguém Entenda o Caló". In *Público*, 23 de Outubro.
- Casteleiro, J. Malaca (coord.) (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Verbo.
- Coelho, Adolfo (1892). *Os Ciganos de Portugal. Com um estudo sobre o Calão*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- Corominas, Joan (1973). *Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana*. Madrid: Gredos.
- Costa, J. Almeida & A. Sampaio e Melo (1965). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 5ª ed.
- Departamento da Educação Básica (2003). *Caracterização Nacional dos Alunos com Língua Portuguesa como Língua Não Materna*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Duarte, Inês, Inês Sim-Sim & Maria José Ferraz (1997). *A Língua Materna na Educação Básica. Competências Nuucleares e Níveis de Desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Dubois, J., H. Mitterand & A. Dauzat (2007). *Dictionnaire étimologique & historique du français*. Paris: Larousse.
- Fraser, A. (1997). *História do Povo Cigano*. Lisboa: Teorema.
- Gordon Jr, G. Raymond (ed.) (2005). *Ethnologue. Languages of the World*. Dallas: SIL International. (parcialmente disponível em [www.ethnologue.com](http://www.ethnologue.com))
- Hoad, T. F. (ed) (1996). *The Concise Oxford Dictionary of English Etymology*. Oxford: Oxford University Press.
- Houaiss, A. & M. de Salles Villar (dir.) (2002). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Klopčič, Vera (2006). *Zgodovinski viri o Romih v Sloveniji*. In *Razprave in gradivo*. Ljubljana: Institut za Narodnostna Vprasanja, pp. 38-53.
- Moreno, Augusto (1948). *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa*. Porto: Editora Educação Nacional.
- Projecto Nómada / Instituto das Comunidades Educativas (2004). *Ciganos Aquém do Tejo. Propostas de actividades nómadas para o ensino básico*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e as Minorias Étnicas.
- Ramírez-Heredía, Juan de Dios (2001). *Primeiro Manual de Conversación en Romanò-kalò. Angluno Pustik pa Vakeripen Romanò-kalò*. Barcelona: Unió Romani.
- Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural (1993). *Base de Dados Entreculturas I*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural (1996). *Base de Dados Entreculturas IV*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Tagore, Rabindranath (1891). *Appendix B: Letters. 4. chinapatrabali, Letter No. 16. Sajadpur, February 1891, to Indira Devi*. In *Selected Short Stories*. Londres: Penguin, 1991.
- Vasconcelos, Pedro Bacelar de (1999). "Os ciganos e a sociedade portuguesa". In Montenegro, Mirna (org). *Ciganos e Educação. Cadernos ICE 5*. Setúbal: Instituto das Comunidades Educativas, pp. 13-15.